

Atuação do Enfermeiro na assistência à criança com Transtorno do Espectro Autista (TEA): uma revisão integrativa

Nurses' role in assisting children with Autism Spectrum Disorder (ASD): an integrative review

El papel de la enfermera en la asistencia a niños con Trastorno del Espectro Autista (TEA): una revisión integrativa

Amorabe dos Santos Nascimento¹, Aretusa Melo Gomes¹, Bruna Cristina da Costa Santos¹, Wanderlan Cabral Neves¹, João de Sousa Pinheiro Barbosa¹.

RESUMO

Objetivo: Apontar a assistência do profissional enfermeiro no atendimento às crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA). **Métodos:** Trata-se de uma revisão integrativa da literatura de cunho qualitativo realizada entre setembro de 2021 e maio de 2022. Tendo como base de dados os sites eletrônicos como: Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS) via Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), Acervo+ *Index base*, por meio de termos dos Descritores em Ciências da Saúde (DeCS): Criança, Cuidados de enfermagem, Enfermeiro, Transtorno do espectro autista. **Resultados:** Após busca nas bases de dados, foram localizados 356 artigos. Destes foram excluídos 21 artigos devido a duplicidade e 266 por não atenderem aos critérios. Foram selecionados 69 artigos para leitura na íntegra, com amostra final de 12 artigos. **Considerações finais:** Reputa-se poucos artigos produzidos por enfermeiros comparado aos outros profissionais de saúde acerca do espectro autista. Observa-se uma fragilidade, baixo conhecimento e pouca capacitação necessária da equipe de enfermagem para cuidar da criança do espectro autista.

Palavras-chave: Criança, Cuidados de enfermagem, Enfermeiro, Transtorno do espectro autista.

ABSTRACT

Objective: To point out the assistance of the professional nurse in the care of children with Autism Spectrum Disorder (ASD). **Methods:** This is an integrative review of the qualitative literature carried out between September 2021 and May 2022. Based on electronic sites such as: Latin American and Caribbean Literature on Health Sciences (LILACS) via the Library Virtual Health (VHL), Acervo+ *Index base*, through terms of the Health Sciences Descriptors (DeCS): Child, Nursing care, Nurse, Autistic spectrum disorder. **Results:** After searching the databases, 356 articles were found. Of these, 21 articles were excluded due to duplicity and 266 for not meeting the criteria. A total of 69 articles were selected for full reading, with a final sample of 12 articles. **Final considerations:** There are few articles produced by nurses compared to other health professionals about the autistic spectrum. There is a weakness, low knowledge and little training needed by the nursing team to care for children on the autistic spectrum.

Key words: Child, Nursing care, Nurse, Autistic spectrum disorder.

RESUMEN

Objetivo: Señalar la asistencia del profesional de enfermería en el cuidado de niños con Trastorno del Espectro Autista (TEA). **Métodos:** Se trata de una revisión integradora de la literatura cualitativa realizada entre septiembre de 2021 y mayo de 2022. Basada en sitios electrónicos como: Literatura Latinoamericana y

¹ Centro Universitário do Planalto Central Aparecido dos Santos (UNICEPLAC), Gama – DF.

del Caribe en Ciencias de la Salud (LILACS) a través de la Biblioteca Virtual en Salud (BVS), Acervo+ *Index Base*, a través de términos de los Descriptores de Ciencias de la Salud (DeCS): Niño, Cuidado de enfermería, Enfermero, Trastorno del espectro autista. **Resultados:** Después de buscar en las bases de datos, se encontraron 356 artículos. De estos, 21 artículos fueron excluidos por duplicidad y 266 por no cumplir con los criterios. Se seleccionaron 69 artículos para lectura completa, con una muestra final de 12 artículos. **Consideraciones finales:** Hay pocos artículos producidos por enfermeras en comparación con otros profesionales de la salud sobre el espectro autista. Existe una debilidad, bajo conocimiento y poca formación necesaria por parte del equipo de enfermería para cuidar a los niños con espectro autista.

Palabras clave: Niño, Atención de enfermería, Enfermero, Trastorno del espectro autista.

INTRODUÇÃO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA), é uma disfunção complexa do neurodesenvolvimento, com vasta manifestações clínicas, descrito por prejuízos na comunicação verbal/não verbal e por apresentar padrões restritos e na interação social, repetitivos e estereotipados de comportamento, interesses e atividades (BRASIL, 2015). Segundo a *American Psychiatric Association* (APA) (2013), o espectro autista, compreende o autismo, a síndrome de Asperger, de desintegração da infância, de Rett e a desorganização integral do desenvolvimento desprovido de qualquer tipificação.

O primeiro a definir o Autismo Infantil foi o psiquiatra Austríaco Leo Kanner, ainda na década de 1940, a princípio designado de Distúrbio Autístico do Contato Afetivo (DACA), como uma condição de cunhos comportamentais de muitas especificidades, como: distúrbios de vínculo emocional com o ambiente, autismo severo, inabilidade na comunicação utilizando a linguagem, potencialidade cognitiva presente, fisionomia supostamente normal, comportamentos ritualizados, manifestações precoce e morbidez com predomínio no sexo masculino. Embora Eugen Bleuler, psiquiatra Suíço já tivesse usado o termo autismo caracterizando sintomas esquizofrênicos (DIAS S, 2015; EVÊNCIO KM e FERNANDES GP, 2019).

A APA (2013) classifica o TEA em níveis de gravidade, onde: nível 1 exige apoio - apresenta inflexibilidade de comportamento, problemas de organização e planejamento para independência; nível 2 exige apoio substancial - apresenta inflexibilidade do comportamento, dificuldade de lidar com mudanças e outros comportamentos restritos/repetitivos aparecem com frequência; nível 3 exige apoio muito substancial - apresenta inflexibilidade de comportamento, extrema dificuldade em lidar com a mudança e comportamentos restritos/repetitivos interfere acentuadamente no funcionamento em todas as esferas.

A etiologia do autismo permanece desconhecida. Acredita-se que seja uma desordem multifatorial e heterogênea, influenciada por fatores genéticos, ambientais, imunológicos e neurológicos (CANUT ACA, et al., 2014). De acordo com o Centro de Controle e Prevenção de Doenças (CDC), órgão do governo dos Estados Unidos, existe 1 (uma) criança com autismo para cada 110. Estima-se que o número brasileiro autista possa chegar a 2 milhões. No mundo, acredita-se haver mais de 70 milhões, afetando a maneira como esses indivíduos se comunicam e interagem (BRASIL, 2011).

O diagnóstico de TEA requer a presença de distúrbio em três domínios: 1º interação social; 2º comunicação; 3º interesses restritos e padrões estereotipados do comportamento (NIKOLOV R, et al., 2006). O transtorno se manifesta de forma peculiar entre diferentes crianças, por isso, utiliza-se o termo TEA, onde muitos autores se referem a autismos, no plural, para se referir às suas diversas formas de manifestação e recomenda que o diagnóstico seja feito por uma equipe multidisciplinar formada por psiquiatra e/ou neurologista e/ou pediatra, psicólogo, assistente social, fonoaudiólogo, terapeuta ocupacional (BRASIL, 2014).

A Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista foi instituída por intermédio da Lei 12.764/2012, no artigo 1º, inciso 2º na qual destaca que a pessoa com TEA é considerada deficiente, para todos os efeitos legais, atenuando que os portadores de autismo têm os mesmos direitos que todos os outros pacientes com necessidades especiais no Brasil (BRASIL, 2012).

Entretanto, o TEA envolve cuidados de diversas áreas da saúde, dentre elas, a terapia farmacológica convencional e auxílio para obtenção da independência para atividades do cotidiano. Os medicamentos como a Risperidona e o Aripiprazol possuem aprovação da *Food and Drug Administration* (FDA) para tratar os sintomas relacionados à agitação psicomotora e irritabilidade (NIKOLOV R, et al., 2006). O Enfermeiro deve colaborar na identificação do diagnóstico por meio da observação comportamental da criança nas consultas e na atuação como educador em saúde com criatividade e conhecimento para implementação de novas terapias. Para que isso ocorra, o profissional deve estar capacitado para oferecer suporte à investigação e confirmação do diagnóstico (VIANA ALO, et al., 2020).

Todavia é indispensável compreender que a criança autista pode manifestar outras doenças biológicas muito presente na primeira na infância, vindo precisar de cuidados no âmbito hospitalar mediante a necessidade de tratamento clínico institucionalizado. Cabendo o chefe da equipe de enfermagem a desenvolver um olhar essencial inerente às crianças nesta condição, porquanto são agentes responsáveis por elaborar os planejamentos de assistência de enfermagem, a fim de melhorar seu cotidiano. Tendo em vista que os indivíduos do espectro autista apresentam dificuldades na interação social e comunicação, podendo ter um agravamento na sua condição de TEA (OLIVEIRA ACA, et al., 2019).

Dessa forma, o presente artigo teve o objetivo de apontar através das bases de dados eletrônicas e periódicos de saúde a atuação do enfermeiro no atendimento das crianças acometidas pelo autismo, conseqüentemente, apresentando, a importância de o enfermeiro fazer parte da equipe interdisciplinar no diagnóstico e tratamento deste transtorno, descrevendo que o público com TEA, precisa de uma assistência capaz de atender, entender e respeitar as suas particularidades.

MÉTODOS

Trata-se, de uma pesquisa de Revisão da Literatura Integrativa de cunho qualitativo, importante método de pesquisa que, atualmente, vem sendo usado na área da saúde e tem promovido visibilidade à contribuição da Enfermagem para melhor prestação de cuidados, com o objetivo apontar a assistência do profissional enfermeiro no atendimento as com crianças com autismo.

Para a execução desta pesquisa estipulou-se como questão norteadora de pesquisa: Como deve atuar o enfermeiro frente a assistência da criança com TEA? O levantamento de pesquisa iniciou com busca em base de dados eletrônica do período de 2004 a 2022 como: *Scientific Eletronic Library Online* (SciELO) e Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), Acervo+ *Index base*, por meio de termos dos Descritores em Ciências da Saúde (DeCS): Criança, Cuidados de enfermagem, Enfermeiro, Transtorno do espectro autista.

A coleta foi realizada no segundo semestre do ano de 2021 e primeiro semestre de 2022, sendo utilizadas as seguintes palavras-chave: Criança; Enfermeiro; Cuidados de Enfermagem e Transtorno do Espectro Autista, com auxílio do operador booleano *and*. Os critérios de inclusão foram: artigos originais, estudos publicados em plataformas oficiais, textos completos, relevância com o tema proposto, ter sido publicado em língua portuguesa entre 2012 e 2022. Os critérios de exclusão foram: revisões de literaturas, resumos, monografias, teses, artigos de língua espanhol e inglês, não abordar o TEA e textos incompletos.

Com base nisso, encontrou-se nas bases de dados um total de 355 artigos na íntegra. Logo, a base de dados da BVS com o descritor “transtorno do espectro autista and criança” apresentou uma amostra de 171 referências sem filtro, e com filtro uma amostragem de 124 artigos, enquanto “transtorno do espectro autista and enfermeiro” apresentou 12 artigos sem filtro, e com filtro ficou 1 artigo e por fim, “transtorno do espectro autista and cuidados de enfermagem” apresentou 127 artigos sem filtro, e com filtro restaram 3. Após a leitura dos títulos dos artigos, escolheu-se 12 para síntese do estudo.

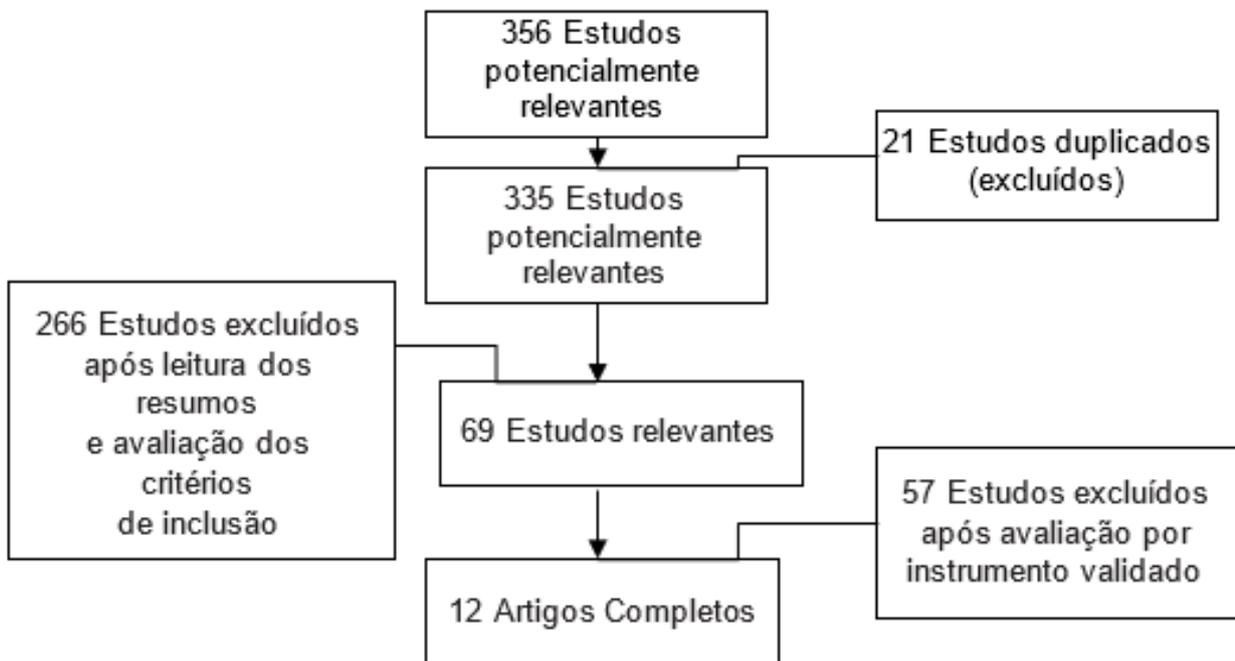
Já na base de dados do SciELO com o descritor “criança transtorno do espectro autista” apresentou sem filtro uma amostra de 41 referências, e lançando o filtro se obteve somente 20 artigos. Conquanto, usando o os termos “transtorno do espectro autista e enfermeiro” não teve êxito. Depois da leitura dos títulos dos artigos, optou-se por 2 para síntese do estudo. Por isso, se obteve a predileção por artigos em periódicos nacionais

de saúde no período supracitado, por concernir uma abordagem atual entre as pessoas e grande abrangência científica.

RESULTADOS

Após busca nas bases de dados, foram localizados 356 artigos. Destes foram excluídos 21 artigos devido a duplicidade e 266 por não atenderem aos critérios. Foram selecionados 69 artigos para leitura na íntegra, com amostra final de 12 artigos, esquematizados no fluxograma da **Figura 1**.

Figura 1 - Fluxograma do processo de seleção dos artigos para revisão integrativa.



Fonte: Nascimento AS, et al., 2022.

O **Quadro 1** adiante apresenta de maneira sucinta os artigos incluídos na amostra final, abrangendo além dos autores dos artigos e ano de publicação, tipo de estudo, objetivos e conclusões, inseridos nos principais achados.

Quadro 1 - Síntese das principais referências encontradas acerca do TEA e atuação do Enfermeiro.

N	Autores (Ano)	Principais achados
1	CORRÊA IS, et al. (2021)	Pesquisa descritiva de abordagem qualitativa, com o objetivo de descrever o conhecimento do enfermeiro da Estratégia da Saúde da Família sobre indicadores para a triagem do transtorno autístico e sua experiência na consulta de puericultura. Enfermeiros detectam na criança sinais de alterações no desenvolvimento infantil nas consultas de puericultura, mas relatam dificuldades para conceituar e usar os instrumentos de triagem precoce para o TEA.
2	DIAS CCV, et al. (2021)	Pesquisa descritiva exploratória de abordagem qualitativa, com objetivo de distinguir a estrutura e os processos sociocognitivos da representação social do autista feita por universitários. Identificou a representação do autismo para os estudantes universitários. Evidenciou-se, que representações atracadas nos transtornos mentais imputam em incumbir ao autismo e aos indivíduos autistas o eixo de crenças e cognições que refletem uma atmosfera de muitos desafios superando o preconceito e discriminação.
3	MAGAGNIN T, et al. (2021)	Pesquisa de abordagem qualitativa do tipo exploratória e descritiva, com o objetivo de compreender os hábitos, dificuldades e as estratégias alimentares de crianças e adolescentes com transtorno autístico. Considerou-se, que indivíduos autistas necessitam de atenção qualificada no processo alimentar e nutricional, precisando de intervenções multiprofissionais para melhorar o quadro de dificuldades e padrão alimentar.
4	MAIA FA, et al. (2018)	Estudo do tipo caso-controle, com o objetivo de determinar a relação entre o autismo e a idade dos genitores no momento do parto. Observou-se, ainda, que crianças e adolescentes com o autismo apresentaram uma chance de 4,16 vezes de ser do sexo masculino.
5	MAGALHÃES JM, et al. (2021)	Estudo qualitativo, com o objetivo de detalhar, na interpretação das mães, as experiências praticadas entre famílias no cuidado de crianças com espectro autista. Evidenciou-se que zelar de crianças com transtorno autístico contorna conhecimento que permeia das perspectivas estruturais aos emocionais, lidando simultaneamente com as limitações e impossibilidade de cura, direcionando para a necessidade de uma atenção familiar.
6	NASCIMENTO YCML, et al. (2018)	Pesquisa descritiva exploratória de abordagem qualitativa, com o objetivo de identificar a atuação do enfermeiro na estratégia e saúde na detecção precoce do TEA em crianças. Apontou-se, que a atuação dos enfermeiros na detecção precoce de sinais e sintomas do TEA pleiteia várias dificuldades.
7	PEREIRA ET, et al. (2020)	Pesquisa quantitativa, do tipo estudo de caso, com caráter exploratório longitudinal, com o objetivo de verificar os efeitos da intervenção fonoaudiológica com Comunicação Aumentativa e Alternativa (CAA) nos atos comunicativos em crianças com espectro autista. Que há fatores específicos do tipo do TEA e fatores sociais que influenciam na eficácia do tratamento.
8	RENDON DCSA, et al. (2019)	Pesquisa qualitativa, com o objetivo de revelar os sentidos de mães na convivência com filhos acometidos pelo autismo. Notou-se uma invisibilidade dos profissionais de saúde, dentre eles o enfermeiro, assim como a ânsia de propiciar mais e domínio para os assuntos biológicos do transtorno.

N	Autores (Ano)	Principais achados
9	ROCHA CC, et al. (2019)	Pesquisa documental retrospectiva, descritiva e exploratória de cunho quantitativo, com o objetivo de distinguir o perfil da população infantil com suspeita de TEA atendida por um CER-II do Sul do Brasil, levantar fontes, motivos de encaminhamentos, características sociodemográficas, instrumentos psicométricos utilizados nas avaliações e os níveis de diagnóstico recebido. Observou-se a necessidade de ferramentas qualificadas para avaliação, diagnóstico e qualificação continuada para profissionais que atuam na assistência do cliente autista.
10	RODRIGUES PMS, et al. (2017)	Estudo qualitativo, descritivo, com o objetivo de efetuar o processo de enfermagem da teoria do autocuidado, de Dorothea Orem, e utilizar a <i>Social Stories</i> como ferramenta de aprendizagem aliada à teoria do autocuidado pela criança com espectro autista. Assistiu-se como um plano efetivo estimulante ao autocuidado pela criança.
11	SENA RCF, et al. (2015)	Pesquisa exploratória, com abordagem qualitativa, com o objetivo de analisar a prática e o conhecimento dos enfermeiros da Estratégia Saúde da Família acerca do transtorno autístico. Captou-se o desconhecimento dos enfermeiros acerca do autismo infantil e a inexistência de implementações práticas realizadas com pessoas autistas e seus familiares.
12	SOELTL SB, et al. (2021)	Estudo descritivo, de abordagem qualitativa, com o objetivo de analisar com base nos princípios abordados na Teoria do Cuidado Humano, o saber da equipe de enfermagem acerca dos TEA e a abordagem do tema durante a formação profissional. Para poder avaliar um paciente, é necessário estar atento aos sinais emitidos, além de realizar uma escuta qualificada, especialmente a família.

Fonte: Nascimento AS, et al., 2022.

DISCUSSÃO

De acordo com dados do século XXI, levantados pelo órgão americano *Center of Diseases Control and Prevention* (CDC), atualmente há um caso de transtorno autístico a cada 110 pessoas. Assim, estima-se que o Brasil, com mais de 214 milhões de cidadãos, possua próximo de 2 milhões de indivíduos com autismo. Sendo que o estado de São Paulo se destaca com mais de 300 mil casos. Embora números altos, os brasileiros com espectro autistas enfrentam muitos desafios acerca de um tratamento ideal (VILAR AMA, et al., 2019). O TEA é quatro vezes mais comum no sexo masculino, apresentando perturbação do funcionamento em diversas áreas (MAIA FA, et al., 2018; ROCHA CC, et al., 2019).

O transtorno do espectro autístico compreende um conjunto de conjunções caracterizado por uma gama de fatores que comprometem a comunicação, a linguagem e o comportamento social. Designa-se como transtorno do desenvolvimento, já que a definição tem base em avaliações do comportamento do indivíduo, determinado por déficits na comunicação social, interação, sensibilidade sensorial, coordenação motora e nos níveis de atenção, apresentando dificuldades no que se refere ao esforço e envolvimento para realizar atividades (MAGALHÃES JM, et al., 2021).

Segundo Almeida SSA, et al. (2018) há uma série de fatores de risco que podem contribuir para o aparecimento do autismo, classificados como pré-natais, perinatais, ambientais ou mutacionais: os Fatores pré-natais se destinam à exposição a pesticidas, drogas como misoprostol, talidomida e inibidores seletivos da recaptção de serotonina, exposição à cocaína, deficiência ácido fólico, febre materna, doença autoimune, diabetes, pré-eclâmpsia e exposição à poluição atmosférica grave; os Fatores perinatais descrevem que o parto prematuro extremo pode ser um fator de alto risco associado a complicações perinatais como pré-eclâmpsia, hemorragia intracraniana, edema cerebral, baixo índice de Apgar e convulsões; os Fatores ambientais relacionados idade avançada dos pais, principalmente das mães; e os Fatores mutacionais incluem exposição a mercúrio, cádmio, níquel e tricloroetileno.

O autismo vira um tema de extrema importância, especialmente no que se concerne à esfera da saúde. Embora relevante a temática, ainda é embrionária ao volume de publicações científicas relativas à magnitude do enfermeiro no diagnóstico precoce e tratamento da criança autista. O grande obstáculo fica inerente à ausência de entendimento, domínio e qualificação multiprofissional da equipe, dificultando o diagnóstico. A função do enfermeiro é primordial neste contexto, uma vez que este inicia o contato profissional com a criança, escutando o seu processo de crescimento e desenvolvimento (FILHO MCS, et al., 2020).

Por outro lado, Dias CCV, et al. (2021), relata que na lógica de seu estudo, considerando que os participantes do estudo são universitários, é importante que ocorra reformulações na formação acadêmica, especialmente nas áreas das ciências de saúde, humanas e sociais. Estas reformas devem permitir reflexões acerca das condutas e a consciencialização a respeito do espectro autista, permitindo a nível nacional, detectá-lo de forma precoce, incitar o indivíduo ainda na primeira infância, almejando garantir aos seres autistas, uma vivência nobre, autônoma, hostilizando o preconceito e envolvendo a diversidade.

Segundo Magalhães JM, et al. (2021), os profissionais da enfermagem devem atentar-se às singularidades dos indivíduos e suas respectivas necessidades, prestando assistência integral e de qualidade que atenda a todas as demandas de cuidado dos autistas e famílias, contribuindo para o fortalecimento e ampliação dos laços relacionais. O enfermeiro envolvido, pela competência em cuidar do doente e da sua família, é um profissional capaz de se inserir no cuidado em domicílio contribuindo na organização e dinâmica familiar.

Magagnin T, et al. (2021) destacou em sua pesquisa, vários pais relatando sobre a rejeição alimentar dos filhos com TEA, o que demonstra a presença de sensibilidades sensoriais que esses indivíduos exibem como a falta de prazer em se alimentar, falta de apetite, sua relação com a aparência, cor e textura do alimento, com preferência por alimentos pastosos e a recusa de substâncias sólidas. Entrando em situação de alerta nutricional, levando em conta os prováveis déficits nutritivos, pois todo indivíduo exibe uma sistematização alimentar muito intrínseca, por meio de causas sociais, biológicas e ambientais.

Em consonância com os autores supracitados, o estudo de Rocha GSS, et al. (2019) envolvendo 29 crianças, todos com idade a partir de 3 anos, com média de idade de 9 anos. A partir da análise, detectou que

79,40% da amostra foi composta por participantes do sexo masculino e 20,60% são do sexo feminino e teve forte evidências de comportamentos indicativos de seletividade alimentar dos participantes.

Rendon DCSA, et al. (2019) chama atenção para a imperceptibilidade dos enfermeiros nas aceções do seu estudo, pois ratificou a necessidade de cientificação, movimentação e qualificação profissional nas lacunas de atenção à saúde de genitoras e suas famílias as quais coabitam na companhia de indivíduos com transtorno autístico. Na qualidade orientador em saúde, o enfermeiro qualificado consegue promover melhor progresso no elo mãe-filho, proporcionando melhor domínio acerca do distúrbio e ofertando suporte e proteção à mãe na atividade familiar, fomentando conforto e cuidado com integralidade à criança com autismo.

Frequentemente, a criança com diagnóstico de transtorno autístico apresenta, em diferentes esferas, obstáculos em habilidades complexas, de posicionar-se, relacionar com o outro, compreender situações sociais, falar, ler, bem como determinar sua autonomia por meio de habilidades básicas, como o autocuidado, visto que, muitas vezes, sua independência é limitada (RODRIGUES PMS, et al., 2017). Assim, é essencial enfatizar que a promoção da comunicação funcional em indivíduos autistas, permite uma melhor qualidade de vida, potencializando se desenvolverem em todos os âmbitos da vida (PEREIRA ET, et al., 2020).

Os Enfermeiros na atenção primária estão aptos a reconhecer o TEA infantil por meio das consultas de puericultura, através das ouvidas das observações das famílias e encaminhar para equipe multiprofissional e/ou para e acionar outros dispositivos da rede de atenção psicossocial quando necessário (BARBOSA SC e PEREIRA TML, 2022). Contribuindo positivamente no diagnóstico e acompanhamento do espectro autista, podendo auxiliar os progenitores, dando apoio e informando-os quanto aos desafios e procedimentos assistenciais necessários no processo de cuidar da criança (SENA RCF, et al., 2015).

Todavia Corrêa IS, et al. (2021), ressalta que seu estudo permitiu identificar no cotidiano do trabalho da enfermeira de Estratégia e Saúde da Família (ESF), dificuldades para conceituar o autismo e desconhecem os instrumentos de triagem precoce para TEA, nas consultas de puericultura. Também apontou para a importância de os profissionais da saúde conhecerem sobre o transtorno e utilizarem os instrumentos de triagem precoce, oferecendo possibilidades e oportunidades para o estímulo, acompanhamento, tratamento e melhor desenvolvimento infantil através da assistência de enfermagem.

Para Soeltl SB, et al. (2021), a equipe interdisciplinar deve ser composta de um médico psiquiatra, neurologista ou pediatra, um psicólogo e um fonoaudiólogo. Mas, é importante que o enfermeiro e a equipe de enfermagem estejam envolvidos em todo o processo de diagnóstico e intervenções à criança autista, uma vez que estes profissionais se encontram na linha de frente do cuidado e são a porta de entrada para os serviços de saúde. Embora, haja uma carência de conhecimento dos profissionais de enfermagem em relação ao TEA.

De todos os profissionais da saúde envolvidos no acompanhamento da criança com autismo, é de competência do enfermeiro o papel de perceber os sinais e sintomas apresentados pelas crianças com suspeita de autismo, pois de todos profissionais envolvidos nesse processo o ele é o primeiro contato e o que passa mais tempo com esse paciente, é ele que desempenha a função de mediador entre a família e outros profissionais da área (ARAUJO CM, et al., 2019).

Nascimento YCML, et al. (2018) ressalta que a atuação dos enfermeiros na detecção precoce de sinais e sintomas do TEA ainda enfrenta muitas dificuldades como o pouco conhecimento sobre o assunto, formação acadêmica deficitária e o pouco investimento em educação permanente. Então, a fim de não negligenciar ou responsabilizar outras categorias profissionais por tal intervenção, a preparação do profissional enfermeiro da ESF para intervir junto à criança autista torna-se indispensável para uma intervenção assertiva.

Nessa circunstância, estimular ações de educação permanente nos serviços voltados para sinais, sintomas e intervenções de crianças com esta síndrome é essencial, principalmente aquelas que incentivem mudanças de postura e práticas de enfermagem na ESF, possibilitando a redução dos estigmas e com ações de promoção à saúde mental, favoreçam o melhor prognóstico à criança e ajuda aos familiares (NASCIMENTO YCML, et al., 2018).

De acordo com Sena RCF, et al. (2015), o enfermeiro tem capacidade de proporcionar uma assistência adequada para as crianças com espectro autista, mas através da pesquisa, identificou-se um grande déficit de conhecimento dos profissionais sobre o autismo infantil, já que este transtorno, compreende uma gama de sinais e sintomas, exigindo um olhar para o diagnóstico precoce. Acerca disso, Pinto RNM, et al. (2016) recomenda a necessidade de os enfermeiros refletirem sobre prática, ensino, pesquisa e gestão no tocante os recentes métodos de aprimoramento de atos e intervenções de saúde, permitindo mais conhecimento do enfermeiro acerca das particularidades do autismo e sua imagem entre os familiares.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Consideram-se irrisórias as referências bibliográficas produzidas por enfermeiros comparado aos outros profissionais de saúde no contexto do espectro autista, principalmente aquelas produções com elevado rigor metodológico que tratam da atuação e importância deste profissional na abordagem, identificação, cuidados e promoção de saúde da criança autista. Todavia o autismo é uma condição. Entretanto, o enfermeiro é o profissional de saúde de nível superior mais acessível ao usuário em todos os níveis de atenção à saúde, especialmente na ESF, onde acontece a consulta de puericultura, tornando indispensável melhor capacitação profissional referente ao TEA. Percebeu-se, uma fragilidade, baixo conhecimento da enfermagem, pouca capacitação necessária para cuidar da criança autista.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos a enfermeira mestre em gerontologia e docente em enfermagem, Jussara Soares Marques dos Anjos pelas correções e ensinamentos que nos permitiu evoluirmos e aprendermos como funciona o processo de produção científica, possibilitando a produção deste estudo e conseqüente o desenvolvimento de um olhar crítico no que tange a produção acadêmica e científica.

REFERÊNCIAS

1. ALMEIDA SSA, et al. Transtorno do espectro autista. *Residência Pediátrica*, 2018; 8(supl 1): 72-78.
2. AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION (APA). Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais. 5. ed. Artmed, 2013. Disponível em: <http://www.niip.com.br/wp-content/uploads/2018/06/Manual-Diagnostico-e-Estatisticode-Transtornos-Mentais-DSM-5-1-pdf>. Acessado em: 12 de setembro de 2021.
3. ARAUJO CM, et al. O papel do enfermeiro na assistência à criança autista. *Revista Brasileira Interdisciplinar de Saúde*, 2019; 1(3):31-5.
4. BARBOSA SC e PEREIRA TML. O enfermeiro nos cuidados ao paciente no transtorno do espectro autista infantil na unidade básica de saúde-revisão integrativa. *Revista Eletrônica da Estácio Recife*, 2022; 7(2).
5. BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. 2 de abril: Dia Mundial de Conscientização do Autismo. Disponível em: http://conselho.saude.gov.br/ultimas_noticias/2011/01_abr_autismo.html. Acessado em: 19 de setembro de 2021.
6. BRASIL. Ministério da Saúde. Diretrizes de Atenção à Reabilitação da Pessoa com Transtornos do Espectro do Autismo. 2014. Disponível em: https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/diretrizesatencao_reabilitacao_pessoa_autismo.pdf. Acessado em: 24 de setembro 2021.
7. BRASIL. Ministério da Saúde. Linha de cuidado para a atenção às pessoas com transtornos do espectro do autismo e suas famílias na rede de atenção psicossocial do sistema único de saúde. 2015. Disponível em: https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/linha_cuidado_atencao_pessoas_transtorno.pdf. Acessado em: 27 de setembro de 2021.
8. BRASIL. Presidência da República. Lei nº 12.764. 2012. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12764.htm. Acessado em: 09 de outubro de 2021.
9. CANUT ACA, et al. Diagnóstico Precoce do Autismo: Relato de Caso. *Revista de Medicina e Saúde de Brasília*, 2014; 3(1): 31-7.
10. CORRÊA IS, et al. Indicadores para triagem do transtorno do espectro autista e sua aplicabilidade na consulta de puericultura: conhecimento das enfermeiras. *Revista Atenção Primária à Saúde*, 2021; 24(2): 282-95.
11. DIAS CCV, et al. Representações sociais sobre o autismo elaboradas por estudantes universitários. *Revista Psico-USF*, 2021; 26(4): 631-643.
12. DIAS S. Asperger e sua síndrome em 1944 e na atualidade. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 2015; 18(2): 307-313.

13. EVÊNCIO KM e FERNANDES GP. História do Autismo: compreensões iniciais. Id on Line Revista Multidisciplinar e de Psicologia, 2019; 13(47): 133-138.
14. FILHO MCS, et al. A importância do profissional enfermeiro no diagnóstico do autismo: uma revisão integrativa da literatura. Revista Psicologia e Saúde e em Debate, 2020; 6(2): 235-245.
15. MAGAGNIN T, et al. Aspectos alimentares e nutricionais de crianças e adolescentes com transtorno do espectro autista. Revista de Saúde Coletiva, 2021; 31(1): e310104.
16. MAGALHÃES JM, et al. Vivências de familiares de crianças diagnosticadas com Transtorno do Espectro Autista. Revista Gaúcha de Enfermagem, 2021; 42: e20200437.
17. MAIA FA, et al. Transtorno do espectro do autismo e idade dos genitores: estudo de caso-controle no Brasil. Caderno de Saúde Pública, 2018; 34(8):e00109917.
18. OLIVEIRA ACA, et al. Percepções e desafios da equipe de enfermagem frente à hospitalização de crianças com transtornos autísticos. Revista Baiana de Enfermagem, 2019; 33:e28300.
19. NASCIMENTO YCML, et al. Transtorno do Espectro Autista: detecção precoce pelo enfermeiro na estratégia e saúde da família. Revista Baiana de Enfermagem, 2018; 32: 25425.
20. NIKOLOV R, et al. Autismo: tratamentos psicofarmacológicos e áreas de interesse para desenvolvimentos futuros. Revista Brasileira de Psiquiatria, 2006; 28 (suppl 1): 39-46.
21. PEREIRA ET, et al. Comunicação alternativa e aumentativa no transtorno do espectro do autismo: impactos na comunicação. Revista CoDAS, 2020;32(6):e20190167.
22. PINTO RNM, et al. Autismo infantil: impacto do diagnóstico e repercussões nas relações familiares. Revista Gaúcha de Enfermagem, 2016; 37(3): e61572.
23. RENDON DCSA, et al. Convivência com filhos com Transtorno do Espectro Autista: desvelando sentidos do ser-ai-mãe. Revista Baiana de Enfermagem, 2019; 33: 31963.
24. ROCHA CC, et al. O perfil da população infantil com suspeita de diagnóstico de transtorno do espectro autista atendida por um Centro Especializado em Reabilitação de uma cidade do Sul do Brasil. Revista de Saúde Coletiva, 2019; 29(4): e290412.
25. ROCHA GSS, et al. Análise da seletividade alimentar de crianças com Transtorno do Espectro Autista. Revista Eletrônica Acervo Saúde, 2019; Sup.24: e538.
26. RODRIGUES PMS, et al. Autocuidado da criança com espectro autista por meio das Social Stories. Escola Anna Nery, 2017; 21(1): e20170022.
27. SENA, RCF, et al. Prática e conhecimento dos enfermeiros sobre o autismo infantil. Revista de pesquisa cuidado é fundamental online, 2015; 7(3): 2707-2716.
28. SOELTL SB, et al. O conhecimento da equipe de enfermagem acerca dos transtornos autísticos em crianças à luz da teoria do cuidado humano. ABCS Health Sciences, 2021; 46(021206): 1-7.
29. VIANA ALO, et al. Práticas complementares ao transtorno do espectro autista infantil: revisão integrativa da literatura. Revista Enfermagem em Foco, 2020; 11(6): 48-56.
30. VILAR AMA, et al. Transtornos autísticos e estratégias promotoras de cuidados: revisão integrativa. Revista Baiana de Enfermagem, 2019; 33: 28118.